

# A CRIANÇA, O DESENHO E A PAISAGEM: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS NOS ANOS INICIAIS

Francisca Djalma Pereira Rodrigues e Silva <sup>1</sup>  
Raimundo Lenilde de Araújo <sup>2</sup>

## RESUMO

A Geografia é um componente curricular de fundamental importância para a compreensão da realidade e, nos anos iniciais, pode contribuir para que as crianças realizem a leitura do mundo vivido. Para tanto, a construção dos conhecimentos geográficos deve partir da realidade das crianças e considerar suas vivências e experiências. Desse modo, esse texto resultante de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida no campo do ensino de Geografia nos Anos Iniciais, entre 2020 e 2023, objetiva refletir sobre as contribuições da linguagem do desenho associado ao conceito de paisagem para a construção de conhecimentos geográficos, bem como debater sobre o ser e estar das crianças em seu local de vivência. O texto está fundamentado em teóricos que debatem sobre a criança e suas infâncias, bem como, sobre o ensino de Geografia nos anos iniciais, como: Qvortrup (2010; 2014), Ariès (2022), Lopes (2021), Alves; Queiroz (2019) e Callai (2017). Quanto à metodologia, fundamentou-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa através de uma pesquisa-ação-educacional e com o desenvolvimento de uma sequência didática, que propôs às crianças a produção de desenhos da paisagem vivida. Os resultados demonstraram que os desenhos constituem um importante meio para a mediação didática em que a paisagem seja o fio condutor para a construção de conhecimentos geográficos, ao mesmo tempo em que se revela como importante instrumento no desenvolvimento de habilidades que levam à leitura do mundo da vida, além de instrumentalizar o educando para compreender o seu ser-e-estar no mundo.

**Palavras-chave:** Criança, Paisagem vivida, Ensino de Geografia, Anos Iniciais.

## ABSTRACT

Geography is a curricular component of fundamental importance for understanding reality and, in the early years, it can help children to read the world they live in. Therefore, the construction of geographical knowledge must start from the children's reality and considerate their lives and experiences. In this way, this text, which is the result of a master's research project carried out in the field of Geography teaching in basic education between 2020 and 2023, aims to reflect on the contributions of the language of drawing associated with the concept of landscape to the construction of geographical knowledge, as well as to debate the being of children in their place of living. The text is based on theorists who debate children and their childhoods, as well as the teaching of Geography in the basic education, such as: Qvortrup (2010; 2014), Ariès (2022), Lopes (2021), Alves; Queiroz (2019) and Callai (2017). As for the methodology, it was based on the assumptions of qualitative research through an action-educational

<sup>1</sup> Mestra pelo PPGGEO/UFPI/Teresina/Piauí; e-mail: [profrancisca.43@gmail.com](mailto:profrancisca.43@gmail.com);

<sup>2</sup> Docente permanente e orientador do PPGGEO e do PPGPP/UFPI/Teresina/Piauí; e-mail: [raimundolenilde@ufpi.edu.br](mailto:raimundolenilde@ufpi.edu.br).

research and the development of a didactic sequence, which proposed to the children the production of drawings of the lived landscape. The results showed that drawings are an important means of didactic mediation in which the landscape is the guiding thread for the construction of geographical knowledge, while at the same time revealing itself as an important instrument in the development of skills that lead to the reading of the world of life, as well as equipping students to understand their being-in-the-world.

**Keywords:** Child, Landscape lived, Geography Teaching, Basic Education.

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história foi reservado às crianças um lugar de invisibilidade em que a infância era desconhecida ou, pelo menos, não era representada. Na perspectiva de Ariès (2022, p. 31), “É difícil crer que essa ausência se deve à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”. As crianças eram representadas de forma que, “apenas seu tamanho os distingue dos adultos” (Ariès, 2022, p. 31). Eram adultos em miniatura.

Nesse contexto, “até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido” (ARIÈS, 2022, p. 32). Dessa forma, é apenas, no século XVII que o tema da primeira infância evolui, para então, ser descoberto no século XVIII.

Dito isso, e por conceber o ensino de Geografia como de fundamental importância para que as crianças façam a leitura do mundo, clarifica-se que as discussões aqui apresentadas, fazem parte de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida no campo do ensino de Geografia com crianças dos Anos Iniciais, entre 2020 e 2023, em que foi debatida a potencialidade da linguagem do desenho e da fotografia associadas à paisagem vivida, para a construção de conhecimentos geográficos, que possibilitem a leitura do mundo da vida.

A referida pesquisa relaciona-se às questões da aprendizagem das crianças e, nesse sentido, faz-se necessário assumir o protagonismo destas na escola e, por conseguinte na sociedade, ao participarem ativamente da construção de sua aprendizagem e como produtora de seus espaços. Retirar as crianças de uma situação de invisibilidade, sem esquecer-se de considerar suas vulnerabilidades e particularidades. (Qvortrup, 2010, 2014).

Do ponto de vista metodológico, a investigação ancorou-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação e fundamentada na perspectiva histórico-cultural de Vigotski, bem como, na teoria freiriana em que a mediação pedagógica deve fundamentar-se na dialogicidade.

Dessa forma, o presente texto objetiva refletir sobre as contribuições da linguagem do desenho associado ao conceito de paisagem para a construção de conhecimentos geográficos, bem como debater sobre o ser e estar das crianças em seu local de vivência.

Os resultados apontam que os desenhos constituem um importante meio para a mediação didática em que a paisagem seja concebida como fio condutor para a construção de conhecimentos geográficos com as crianças, ao mesmo tempo, em que se revela como importante instrumento no desenvolvimento de habilidades que levem à leitura do mundo da vida.

Portanto, é possível afirmar que a associação da linguagem do desenho ao conceito de paisagem representa um potencial significativo na construção de conhecimentos geográficos em que as crianças sejam instrumentalizadas no sentido de realizarem a leitura da realidade vivida, além de contribuir para que se percebam como pertencentes às paisagens e, compreendam o seu ser-e-estar no mundo.

## **METODOLOGIA**

O percurso metodológico da pesquisa está fundamentado nos pressupostos da pesquisa qualitativa e, quanto aos meios, constituiu-se como uma pesquisa-ação-educacional. Para a realização das discussões, aportou-se na Teoria Histórico-cultural de Vigotski, bem como, na Teoria freiriana, cuja defesa é de que, a prática pedagógica do professor, enquanto mediador no processo de ensino e aprendizagem, seja realizada de maneira dialógica com os educandos.

A investigação, cujo objetivos foram refletir sobre as contribuições da linguagem do desenho associado ao conceito de paisagem para a construção de conhecimentos geográficos com as crianças dos anos iniciais, bem como debater sobre o ser e estar das crianças em seu local de vivência foi constituída por uma pesquisa bibliográfica, em que foram consultados autores do campo da educação, do ensino de Geografia, bem como, autores que debatem sobre a criança e suas infâncias.

Além disso, foi realizada uma pesquisa empírica em que foi desenvolvida uma sequência didática, que propôs às crianças a produção de desenhos da paisagem vivida por elas. A unidade de análise empírica, foi constituída por uma turma de Quinto ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Teresina/PI e, teve como colaboradores, o professor e os alunos da referida turma.

Ressalta-se que por constituir uma pesquisa com seres humanas, inclusive com crianças dos Anos Iniciais, a mesma foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFPI), cujo parecer consubstanciado considerou a pesquisa exequível. Ao mesmo tempo, foi solicitada autorização prévia ao docente, aos pais e às crianças, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Ao longo da construção deste texto, procurou-se adotar a concepção de criança defendida por Lopes (2022), em que as crianças são capazes de criar, modificar e representar por meio de diferentes linguagens suas experiências, vivências e suas essências para se pronunciar na vida” (LOPES, 2022, p. 84).

Dessa forma acreditou-se que as crianças, a partir da nossa proposta de mediação didática, seriam capazes de demonstrar através de suas produções de desenhos, observação e análises de fotografias do seu lugar de vivência ou de suas manifestações orais, demonstrar suas vivências espaciais e percepções das necessidades de mudanças nesses lugares, bem como, as relações com suas vidas cotidianas.

Para tanto, buscou-se associar o desenho às paisagens do cotidiano das crianças no sentido de que pudessem expressar suas vivências de maneira singular e autoral. Para Lopes (2021, p. 103), “a vivência [...] tem, na singularidade do existir, suas peculiaridades em cada um de nós, que vai se forjando a partir do plano social (o meio) e o plano individual (a pessoa)”. No tocante ao desenho, este relaciona-se com a Geografia desde longa data, materializando-se “através de croquis, esboços de paisagem esquemas gráficos de localizações, distribuições e extensões espaciais feitas em observações de campo ou através de memória” (MIRANDA, 2005, p. 3).

Na perspectiva do autor, mesmo diante do advento de novos instrumentos tecnológicos, o desenho ganha destaque e “uma nova centralidade no ensino de Geografia através das pesquisas e orientações curriculares que apontam a importância da cartografia para os estudos geográficos e apresentando propostas metodológicas para o ensino do mapa partindo do desenho como representação do espaço” (MIRANDA, 2005, p. 3), a exemplo a BNCC e o Currículo de Geografia de Teresina.

Para Marques (2006), o desenho está ligado ao conceito de ideia e relaciona-se à individualidade e subjetividades do desenhista. Para ele, “o desenho não representa o visível tal como é visível, mas o que se faz visível através do desenho” (MARQUES, 2006, p. 62). Nessa perspectiva, pode-se considerar que,

Enquanto elemento fundamental do pensamento criativo, o desenho possibilita a organização da experiência do nosso conhecimento. Quando desenhamos somos constantemente confrontados com novas e antigas aprendizagens, com novos e antigos conhecimentos. O desenho possibilita, sem hierarquia, organizar esta informação no sentido de tornar visível o que se conhece ou inventa num determinado momento (MARQUES, 2006, p. 64).

Portanto, acredita-se que desenhar pode vincular-se a um processo de apreensão da realidade vivida, no sentido de que, através do desenho pode-se representar as nossas impressões e percepções para além da aparência das coisas. Cada um traz para o desenho uma parte significativa de si mesmo (MARQUES, 2006, p. 68).

As considerações de Vigotski (2014) dão conta de que o desenho está presente de forma expressiva na idade pré-escolar das crianças, nessa fase “as crianças gostam muito de desenhar, mesmo sem serem estimuladas pelos adultos” (VIGOTSKI, 2014, p. 51), entretanto, o gosto pelo desenho tende a decair na idade escolar, caso a criança não seja estimulada. “Nessa etapa da vida (Vigotski se refere à idade precoce das crianças), desenhar é atividade de que a criança mais gosta, mas ao começar a idade escolar, o seu gosto e interesse pelo desenho começam a decair [...] e podem desaparecer, se não estimulados (VIGOTSKI, 2014, p. 51).

Em Vigotski (1988), o autor aponta que o desenho das crianças se relaciona à ação motora e relata que ao estudar o ato de desenhar foi possível observar a utilização de gestos para demonstrar o que deveria mostrar nos desenhos. Para ele, “os traços constituem somente um suplemento a essa representação gestual” (VIGOTSKI, 1988, p. 72).

Nesse sentido, “tendemos a ver os primeiros rabiscos e desenhos das crianças mais como gestos do que como desenhos no verdadeiro sentido da palavra”. Assim, a partir de experimentos com crianças de cinco anos de idade, destaca que foi possível observar que a representação gestual e desenhos estão intimamente relacionados, o que resulta em uma “mediação simbólica e gráfica através de gestos” (VIGOTSKI, 1988, p. 71).

No tocante ao uso do desenho na mediação didática de Geografia nos anos iniciais, Alves e Queiroz (2019) asseguram que as crianças criam e recriam significados por meio de diferentes linguagens. Nesse sentido o desenho ao figurar como uma dessas linguagens e, ao



constituir uma linguagem inerente às crianças, figura como importante mecanismo para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Assim, o desenho pode demonstrar os saberes, as práticas espaciais e percepções, constituídas pelas crianças, o que as projeta como sujeitos participativos na construção do conhecimento. Na Geografia, o uso do desenho como estratégia metodológica apresenta-se de maneira histórica, posto que, são utilizados através dos croquis, esboço de paisagens etc. dessa forma, as autoras propõem que,

[...] a paisagem se constitui como conceito ou expressão do espaço, fundamental para a estruturação das nossas problematizações acerca do uso do desenho, como linguagem e recurso didático para as atividades de ensino de conteúdos geográficos (Alves; Queiroz, 2019, p. 219).

Dessa forma depende-se que o desenho enquanto estratégia metodológica no ensino de Geografia com crianças dos anos iniciais, pode contribuir de maneira relevante para a construção de conhecimentos de maneira significativa. Ao considerar que os educandos devem ser vistos como sujeitos ativos na construção do seu próprio conhecimento e ao conceber as crianças como construtoras de seus próprios espaços, corrobora-se com a ideia de que o desenho constitui um importante aliado no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, nos anos iniciais, de modo a contribuir para que as crianças compreendam a realidade vivida.

### **A BNCC, o desenho e o conceito de paisagem nos anos iniciais**

A BNCC, documento normativo que deve servir como base para a construção dos currículos nas esferas estadual e municipal, especifica que, “estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive” (BRASIL, 2017, p. 359) e, para além disso,

A educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos (BRASIL, 2017, p. 359).

Nesse contexto, para que os alunos realizem a leitura do mundo vivido, embasados em conhecimentos geográficos, é necessário que sejam estimulados a pensar espacialmente, a partir do desenvolvimento do raciocínio geográfico. Especificamente para Geografia nos anos

iniciais, o ensino de Geografia apresenta-se como uma continuidade das aprendizagens que ocorreram na Educação Infantil. Ao tomar como referência os conhecimentos das crianças o ensino deste componente, realizado “em articulação com os saberes de outros componentes curriculares e áreas de conhecimento, concorre para o processo de alfabetização e letramento e para o desenvolvimento de diferentes raciocínios” (BRASIL, 2017, p. 367).

O documento evidencia que, nos anos iniciais, para que os alunos desenvolvam a percepção e o domínio do espaço, é necessário “o desenvolvimento da capacidade de leitura por meio de fotos, desenhos, plantas, maquetes e as mais diversas representações” (BRASIL, 2017, p. 367). Da mesma forma, enfatiza a importância de que os alunos consigam responder questões acerca de si, das pessoas e dos objetos. Questionamentos como “onde se localiza? Como se distribui? Quais são as características socioespaciais?” (BRASIL, 2017, p. 367) concorrem para que as crianças sejam mobilizadas “a pensar sobre a localização de objetos e das pessoas no mundo, permitindo que compreendam seu lugar no mundo” (BRASIL, 2017, p. 367).

A BNCC, ainda argumenta que, nos anos iniciais, a ênfase seja dada aos lugares de vivência, mas para além disso, que ao partir de “conceitos articuladores, como paisagem, região e território, vão se integrando e ampliando as escalas de análise” (BRASIL, 2017, p. 368). Dessa forma, acredita-se que nos anos iniciais, o ensino de Geografia apresenta peculiaridades inerentes à essa fase e que o processo de ensino-aprendizagem desse componente, a partir dos lugares de vivência da criança e, ao articular a linguagem do desenho ao conceito de paisagem, oportuniza uma aprendizagem significativa para os educandos, no sentido de que façam a leitura do mundo vivido.

A BNCC (BRASIL, 2017), enquanto documento normativo com fins de nortear a elaboração dos currículos estaduais e municipais, faz referência ao uso dos desenhos no ensino de Geografia, nas unidades temáticas Formas de Representação e Pensamento Espacial, conforme demonstra o quadro 1. Para Queiroz (2020, p. 75), “há uma tímida alusão à linguagem do desenho, e apenas para o 1º e o 2º ano, e no 5º ano uma indicação ao uso da representação gráfica”.

De fato, no documento, não é dada ênfase ao uso do desenho enquanto possibilidade metodológica para ensinar Geografia nos anos iniciais, notadamente, relacionado ao conceito de paisagem. Entretanto, Queiroz (2020) acredita que, isso se deve ao fato de o documento apresentar-se como possibilidade para a construção dos currículos locais e regionais. Desse modo, “não é dada ênfase, no documento, a outras orientações metodológicas para o uso do



desenho, para muito além daquela que se aproxima da linguagem cartográfica” (QUEIROZ, 2020, p. 74-75).

Assim, acredita-se que caberá aos docentes dos anos iniciais que vislumbram utilizar a linguagem do desenho, como possibilidade para ensinar Geografia, nos anos iniciais, realizarem seus planejamentos, de modo a seguirem metodologias apropriadas às peculiaridades da realidade de onde se ensina. No tocante à associação do desenho à paisagem, Queiroz (2020) aponta que, há uma indicação de vinculação entre paisagem e desenho, no 2º ano, especificamente na habilidade (EF02GE08), o que, para a autora constitui-se em um fator relevante para o ensino de Geografia.

Quadro 1 – O desenho e a paisagem nos anos iniciais, conforme a BNCC

<b>Geografia – 1º ano</b>		
<b>Unidades Temáticas</b>	<b>Objetos de Conhecimento</b>	<b>Habilidades</b>
Formas de representação e pensamento espacial	Pontos de referência	(EF01GE08) Criar mapas mentais e desenhos com base em itinerários, contos literários, histórias inventadas e brincadeiras.
<b>Geografia – 2º ano</b>		
Formas de representação e pensamento espacial	Localização, orientação e representação espacial	(EF02GE08) Identificar e elaborar diferentes formas de representação (desenhos, mapas mentais, maquetes) para representar componentes da paisagem dos lugares de vivência.
<b>Geografia – 5º ano</b>		
Formas de representação e pensamento espacial	Representação das cidades e do espaço urbano	(EF05GE09) Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.

Fonte: Brasil (2017).





## O Currículo de Teresina, o desenho e o conceito de paisagem nos anos iniciais

Em consonância com a BNCC (BRASIL, 2017), o Currículo de Teresina, publicado em 2018, um ano após a BNCC, reconhece, na perspectiva de Silva (2021), a importância em ensinar Geografia para as crianças dos anos iniciais de modo que, possam desenvolver a capacidade da leitura do mundo, através de diferentes formas de percepção e de conhecimento do espaço geográfico. Para tanto, considera que o conceito de paisagem, dentre outros, constitui instrumento fundamental para a leitura geográfica.

O Currículo de Teresina está organizado em unidades temáticas: O sujeito e seu lugar no mundo, Conexões e escalas, Formas de representação e pensamento espacial, Divisão social e territorial do trabalho e Natureza: meio: meio geográfico e qualidade de vida. Dessa forma, os quadros a seguir mostram de que maneira esse documento faz referência ao conceito de paisagem, do qual trata essa pesquisa, articulado às linguagens do desenho e da fotografia, para o ensino de Geografia, nos anos iniciais.

Quadro 2 – O desenho, a fotografia e a paisagem no Currículo de Teresina - 5º ano

5º ano		
Unidades Temáticas	Objetos do conhecimento	Habilidades
Divisão social e territorial do trabalho	Trabalho e acúmulo de capital na organização das paisagens	(EF05GE04) Compreender que as formas de produção e a distribuição desigual de capital geram paisagens distintas tanto no espaço urbano quanto no espaço rural.
Formas de representação e pensamento espacial	Mapas e imagens de satélites  Proporção e escala	(EF05GE09) Comparar as transformações das paisagens de Teresina em tempos distintos por meio de diferentes fontes, como: fotografias, fotografias aéreas, mapas, imagens de satélites, tabelas e gráficos.  (EF05GE10) Reconhecer as noções de proporcionalidade e escala através da representação do espaço da sala de aula realçando o processo de ampliação e redução.

Fonte: Currículo de Teresina (TERESINA, 2018). Organizado por: Francisca Djalma P. R. e Silva (2022).

Nesse sentido, ao analisar o Currículo de Geografia de Teresina para os anos iniciais, foi possível perceber referências explícitas ou implícitas quanto ao uso do desenho e da fotografia, enquanto instrumentos metodológicos, articulados ou não ao conceito de paisagem. No entanto, um aspecto relevante revelou-se no decorrer da pesquisa. A referência explícita nas habilidades às paisagens teresinenses. Pode-se depreender disso, um esforço em articular no processo de ensino-aprendizagem, os saberes sistematizados e que são oferecidos pela escola e, os saberes que os alunos trazem consigo, resultantes das suas realidades vivenciadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesta seção serão apresentados os resultados da mediação didática realizada com os alunos de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Teresina/PI, cujo codinome recebido foi Escola Flor do Pequizeiro e está localizada em área carente da cidade de Teresina-PI.

O objetivo planejado ao desenvolver a sequência didática intitulada Ler a paisagem para conhecer e transformar o mundo, foram:

- Observar a percepção de paisagem dos alunos sobre o seu local de vivência;
- Realizar o confronto entre os saberes dos alunos e os conhecimentos científicos sobre paisagem;
- Produzir desenhos sobre a paisagem do local de vivência das crianças;

Mediante aos objetivos planejados, iniciou-se a mediação didática, em que o diálogo se encaminhou para o tema paisagem. Ao serem questionados se já haviam estudado sobre esse tema, 27 alunos (90%) disseram já haver estudado sobre a paisagem e, apenas 3 crianças (10%) disseram não ter estudado o assunto.

### **A MEDIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

A mediação didática com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental foi estabelecida a partir do desenvolvimento de uma sequência didática organizada em quatro encontros semanais, o que contabilizou um total de 9 h/a, cujo título é ler a paisagem para conhecer e transformar o mundo.

Sob a justificativa de que a paisagem pode contribuir para que as crianças aprendam a realizar a leitura do mundo, e que, para tanto é necessário que no processo de ensino-aprendizagem deve-se considerar os conhecimentos prévios e realidade vivida dos educandos, foi proposta a realização da sequência de atividades com a utilização da linguagem do desenho associado ao conceito de paisagem, no sentido de que as crianças participassem de forma ativa do processo de construção do seu conhecimento.

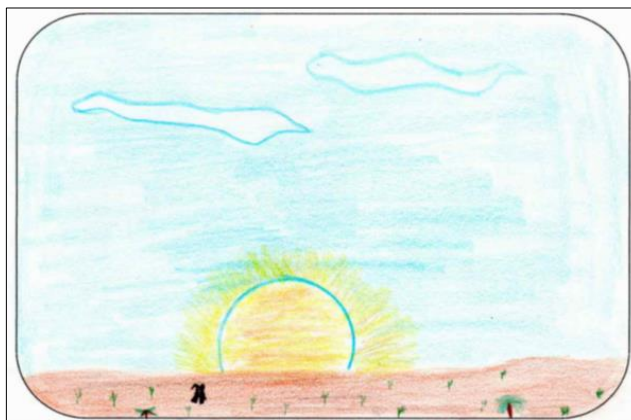
Ressalta-se que anterior ao momento em que foram desenvolvidas as atividades, foi realizada uma roda de conversa em que os alunos responderam a alguns questionamentos, com o objetivo de traçar o perfil socioespacial das crianças, bem como identificar os conhecimentos prévios sobre paisagem. Nesse momento, questionou-se sobre o que seria paisagem para elas, conforme pode ser observado nas falas a seguir:

- – É um lugar bonito (Melissa);
- – É o que a gente vê nos lugares onde vamos (Jasmin);
- – A paisagem é muito bom. É um lugar lindo. (Iris);
- – Um lugar bonito e que também chama atenção (Tulipa);
- – Árvores, flores, passarinhos (Antúrio)
- – Paisagem é uma casa linda (Hibisco);
- – Paisagem tem em vários lugares e pode aparecer em fotografias (Lis);
- – Uma montanha, Rio de Janeiro (Girassol);
- – Uma imagem bonita da cidade, da natureza (Jacinto);
- – É um lugar lindo (Angélica);
- – Paisagem pra mim é uma foto (Narciso);
- – Paisagem é uma coisa bonita (Lírio);
- – A natureza (Lisianto);
- – É uma imagem legal, bonita, tipo o Rio de Janeiro, uma linda vista (Violeta).

Após os questionamentos, foi solicitado aos alunos a produção de um desenho sobre o que eles entendiam sobre paisagem. Para tanto, foi disponibilizado todo o material necessário para a realização da atividade (papel A4, lápis, régua e lápis de cor). Dessa proposta de atividade diagnóstica quase que a totalidade dos desenhos produzidos demonstraram que as crianças ainda relacionaram a paisagem ao belo, o que é corroborado pelas falas das mesmas, entretanto, é possível perceber que já conseguem representar os elementos construídos pelo ser humano, conforme demonstram os desenhos a seguir.



Figura 1 – Desenho da paisagem (criação de Amarílis)



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

O desenho da aluna Amarílis, apresenta-se bem organizado, entretanto, representa apenas os elementos naturais da paisagem, o que evidencia um conhecimento, ainda limitado dos elementos que a constituem. Além disso, a produção evidencia o aspecto contemplativo da paisagem ao serem representadas duas crianças assistindo ao pôr do sol.

A seguir, Jacinto ao representar sua percepção de paisagem, demonstra de certa forma, afetividade e subjetividade ao destacar a sua própria casa e ao afirmar que:

– Ela (a paisagem) significa o esforço dos meus pais por mim e pelos meus irmãos. Esta é a minha casa.

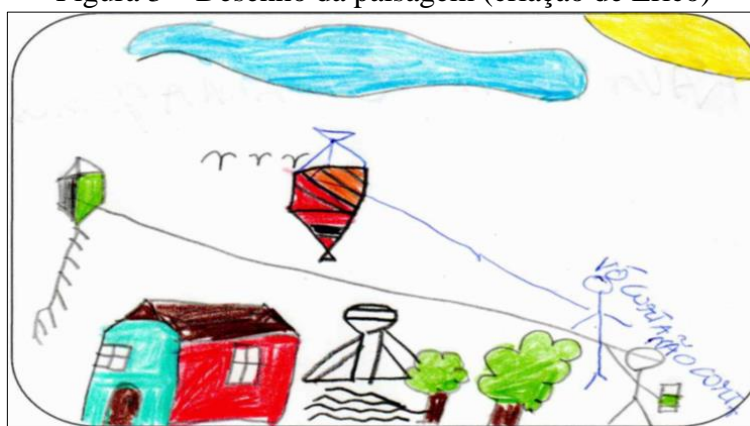
Figura 2 – Desenho da paisagem (criação de Jacinto)



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Dos desenhos apresentados observa-se que as crianças ainda relacionam a paisagem ao belo e predominam os elementos naturais da paisagem. Entretanto, em alguns, já estão representados os elementos antrópicos da paisagem. Chamou-nos a atenção a percepção de paisagem apresentada pelas crianças, em que a rua é representada como espaço de interação entre elas e entre estas e o meio. Nesse sentido, a representação das crianças demonstra que a interação se dá entre elas e com o meio, posto que, ao brincarem concebem-se como pertencentes a essa paisagem, conforme evidenciado no desenho a seguir.

Figura 3 – Desenho da paisagem (criação de Érico)



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Sobre a relação do meio e a criança, Vigotski (2010) afirma que o meio se modifica para a criança de acordo com a faixa etária e o que o desenvolvimento da criança se relaciona à ampliação do seu meio, o qual se modifica constantemente para a criança por vários fatores, inclusive o educacional. Nesse sentido, na concepção de Vigotski,

O meio se modifica por meio da educação, que torna peculiar para a criança em cada etapa de seu crescimento: na primeira infância, a creche; na idade pré-escolar, o jardim de infância; na escolar, a escola. Cada idade possui seu próprio meio, organizado para a criança de tal maneira que o meio, no sentido puramente exterior dessa palavra, se modifica para a criança a cada mudança de idade (VIGOTSKI, 2010, p. 683).

Ainda na perspectiva de Vigotski (2010), os elementos determinantes para a influência do meio no desenvolvimento psicológico e da personalidade da criança é a vivência. Dessa forma, para o autor, “A vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influencia essa situação ou esse meio exercerá na criança”



(VIGOTSKI, 2010, p. 683-684). Portanto, o modo como o meio influencia a criança está relacionado com a individualidade, isto é, com a subjetividade da mesma.

Em seguida, foi realizada uma roda de conversa em que foi questionado:

**Pesquisadora:** Você sabe o que é uma paisagem?

Ao que os alunos responderam:

**Lis:** Paisagem pra mim é uma foto bonita ou algum desenho. Eu gosto muito de paisagem.

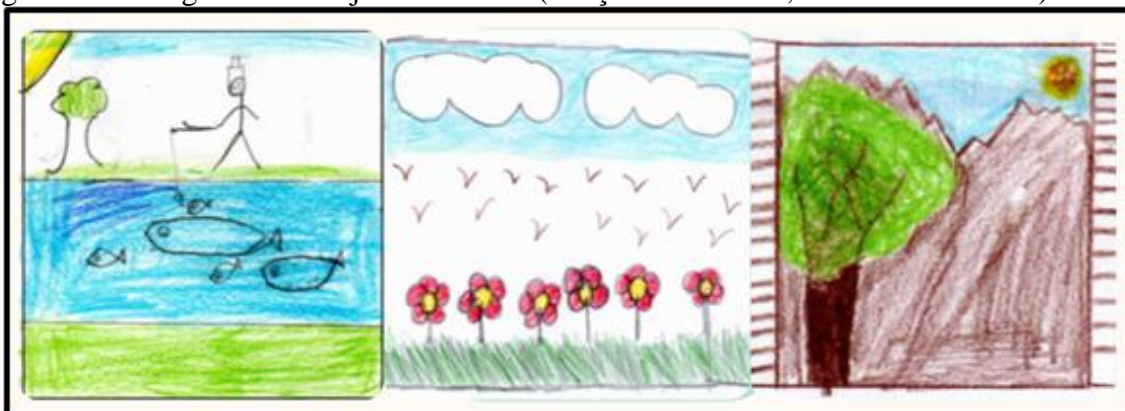
**Dália:** Paisagem é um lugar bonito com muitos detalhes. Natureza.

**Angélica:** Um lugar que pode tirar uma foto, um desenho que se comunique com a mãe natureza.

Ao partir das respostas das crianças é possível perceber que eles ainda associam a paisagem ao belo, ao conforto e ao bem-estar, o que fica caracterizado pela frequente utilização dos termos foto bonita, desenho, lugar bonito, natureza, descansar, férias, céu, aves, mar, qualidade de vida, tranquilo, calmo, feliz e amigos, o que evidencia um apelo estético da paisagem. Nesse sentido, corrobora-se com as ideias de Queiroz (2020), de que a representação inicial que as crianças fazem da paisagem relacionam-se ao aspecto visível e à valorização dos aspectos físico-naturais. No entanto, essa percepção pode ser transformada, quando a criança chega à escola.

Em seguida foi proposta a leitura compartilhada de um texto sobre paisagem. Em seguida, foi proposta uma atividade a partir da música “paisagem da janela” de Lô Borges e Fernando Brant, e considerando o texto debatido, foi solicitado a representação através do desenho da paisagem vista/percebida, pela janela da casa das crianças. Abaixo, os desenhos mais representativos, os quais estão organizados em dois grupos: o primeiro composto por desenhos, produzidos por Antúrio, Violeta e Amarílis em que as crianças representam ainda, apenas os elementos naturais da paisagem. O segundo grupo é composto pelos desenhos de Dália e Cravo e, neles estão representados tanto os elementos naturais, quanto os elementos antrópicos da paisagem.

Figura 4 – Paisagem vista da janela de casa (criação de Antúrio, Violeta e Amarílis)



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Destaca-se que na representação da paisagem, pelas crianças do primeiro grupo, embora represente apenas os elementos naturais, estes fazem parte do cotidiano delas, o morro, como chamam o relevo representado no desenho de Amarílis, é citado em suas falas. Outro ponto a ser considerado é a representação de Antúrio. O que parece ser um rio com peixes, é uma espécie de *grotta* que atravessa toda a comunidade e que provoca alguns transtornos no período chuvoso.

Em seus relatos, as crianças enfatizaram que *a grotta* quando está cheia, inunda casas, destrói alimentos e móveis, provoca acidentes com carros e pessoas. Para as crianças esse é um fato marcante, exteriorizado pela vontade de que o problema da *grotta* seja resolvido. Diante disso, é oportuno retomar a questão da vivência das crianças, e olhá-las a fim de compreender a forma como se relacionam com a paisagem. Olhar, conforme Vigotski, citado por Lopes (2021), para a criança que se desenvolve, no sentido de “olhar para os processos que geram o desenvolvimento na vida e na condição social de viver, para os movimentos e transformações que ocorrem. É compreender [...] a vida na vida.

Compreender as relações que são construídas entre essas crianças, com as outras e com o meio, só é possível se destituirmo-nos de qualquer defesa prévia e nos dispormos a compreender, de fato, as relações que se estabelecem com as crianças e com o mundo, o que é validado pela Teoria Histórico-Cultural que tem como princípio de que “Toda vida é, relação, é [co]existência e [co]vivência. [...] Como toda vivência é interrelação, toda vivência espacial é sempre interespaial (Lopes, 2021, p. 111).

A seguir, o grupo de desenhos em que as crianças, representaram em suas criações, além dos elementos naturais, os elementos antrópicos da paisagem. Destaca-se, entre as imagens, a



criação de cravo. Nela, a criança representa de um lado, duas pessoas que, livres, interagem um com o outro e, conseqüentemente com o meio, ao jogarem bola. Do outro lado, uma pessoa por trás de um muro com a inscrição que remete à violência que por várias vezes se faz presente nos depoimentos das crianças.

Figura 5– Paisagem vista da janela de casa (criação de Dália e Cravo)



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Desse modo, pode-se observar através dos desenhos, que as crianças conseguem se expressar e demonstrar que existe um sentimento de pertencimento em relação aos espaços representados. São as crianças procurando encontrar-se, seja consigo mesmas, com a outra criança e com o mundo. E nesse sentido, ao olhar a criança e suas relações com os outros e com o espaço, deve-se olhá-las, não pela falta, mas pelas possibilidades construídas nesse processo interativo. “É procurar entender a espacialização da vida no mundo” (LOPES, 2021, p. 111).

Em seguida foi retomada a roda de conversa para que os alunos apresentassem suas produções. Foram realizados alguns questionamentos.

- O desenho que você fez é uma paisagem? Por quê?
- Você gosta da paisagem que vê da janela da sua casa? Por quê?
- Será que essa paisagem sempre foi assim ou se transformou? Por quê?
- A paisagem que você vê da janela da sua casa é igual ou diferente das paisagens que você vê em outros lugares?
- A paisagem é somente o que podemos ver?

Desses questionamentos surgiram respostas que permanecem relacionadas, apenas ao belo. No entanto, surgem aquelas que já apresentam uma ampliação na compreensão dos elementos que compõem a paisagem.



**Hibisco:** Paisagem pra mim é um pôr do sol, nascer do sol com árvores e pássaros cantando;

**Violeta:** Paisagem é um lugar bonito, onde as pessoas podem se sentar ao ar livre. Um lugar maravilhoso onde podemos sentir com os olhos fechados;

**Camélia:** Paisagem pra mim é um lugar bonito que eu me sintam bem;

**Íris:** Paisagem é um lugar muito lindo, mas as pessoas ficam jogando lixo na rua e eu acho isso muito feio;

**Girassol:** Paisagem não é só um lugar bonito, cheio de cores, mas sim um lugar específico;

**Lírio:** Paisagem pra mim é tudo que a gente pode ouvir, observar, ver, escutar e tocar;

**Tulipa:** Paisagem é uma coisa que a gente pode ouvir, sentir, até animais tipo a onça ela é uma coisa da paisagem.

Ao comparar respostas, pode-se observar que há uma ampliação dos elementos da paisagem mencionados pelas crianças. Nota-se que algumas crianças ainda relacionam a paisagem ao belo e aos elementos da natureza como o sol, as árvores, os pássaros, bem como ao seu próprio bem-estar. No entanto, observa-se que, embora ainda seja associada a paisagem ao belo, as crianças começam a citar outros elementos, como o lixo, que é classificado por Íris, como feio.

Além disso, na fala de Girassol há a negação de que a paisagem seja, apenas, um lugar bonito. Outro ponto que denota ampliação na concepção do conceito de paisagem é que alguns já conseguem apontar outros aspectos da paisagem, conforme as respostas das crianças Lírio e Tulipa.

Ao serem questionados se gostavam da paisagem que viam pela janela de casa, algumas crianças responderam que não. Eu insisti e perguntei:

– Porque você não gosta da paisagem que vê pela janela da sua casa?

– Porque não tem quase nada.

– Como assim, quase nada?

A criança não responde e reformulo a pergunta:

– O que você vê da janela da sua casa?

– Só o campo minado de mato. Risos.

– Só tem mato lá? Lá não tem outra coisa? Isso não é paisagem pra você?

– Tem uma gruta, também, lá.

– Tem uma mulher que morreu lá.

– Como assim?

– Ela estava de carro e... afundou na gruta.

(Diálogo com Girassol)

Nesse momento, várias crianças intervêm para dizer que também moram perto da gruta. Os alunos demonstram não gostar da paisagem que vêm pela janela. No entanto, já apresentam

uma compreensão mais elaborada do que seja paisagem e mais que isso, conseguem demonstrar que existe uma relação entre eles e a paisagem representada. Dito de outro modo, esse fato sugere que as crianças conseguem, mesmo que de maneira ainda incipiente, demonstrar que fazem parte dessa paisagem. Assim, há encaminhamentos para que se compreendam que a paisagem não é apenas um amontoado de coisas, de formas, mas que existe uma vitalidade que é a existência humana na Terra, conforme Besse (2014, p. 92):

Antes de qualquer experiência visual [...], a paisagem é a expressão, e, mais precisamente, a expressão da existência. Ela é portadora de um sentido, porque ela é a marca espacial do encontro entre a Terra e o projeto humano. A paisagem é essencialmente mais mundo do que natureza, ela é o mundo humano, a cultura como encontro da liberdade humana com o lugar do seu desenvolvimento: a Terra.

Dessa forma, ao reconhecer que a paisagem é a expressão da existência da vida humana na Terra, e que há encaminhamentos para que as crianças se percebam como pertencentes a paisagem e que conforme Callai (2017b, p. 83), “as paisagens locais, na maioria das vezes, fazem parte das vidas particulares das pessoas que vivem no lugar”, é que se situa a defesa de um ensino de Geografia que considere a realidade do aluno, as suas vivências e práticas cotidianas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer da pesquisa, procurou-se conceber as crianças como seres pensantes, ativos, produtoras dos seus próprios espaços, de modo que fosse construída uma aprendizagem, de fato, libertadora. Diante disso, optou-se por, no processo de construção de conhecimentos com os alunos, partir da realidade vivida por eles. A paisagem do seu lugar de vivência, uma favela. A expectativa era criar estímulos que contribuíssem para que as crianças compreendessem o seu ser e estar no mundo.

Assim, adotou-se uma concepção em que as crianças são capazes de observar, interagir com o meio e compreender o seu lugar de vivência. O desafio foi agir com as crianças e considerar suas experiências, para que pudessem construir seus conhecimentos, enxergar as particularidades do seu lugar de vivência e relacioná-las a outras realidades mais distantes.

Dessa forma, acreditou-se, fundamentada em Lopes (2021), que as crianças a partir da proposta de mediação, seriam capazes de demonstrar através das produções de desenhos, suas

vivências espaciais e percepções das necessidades de mudanças nesses lugares, bem como, as relações com suas vidas cotidianas. Para tanto, buscou-se associar o desenho às paisagens do cotidiano das crianças no sentido de que pudessem expressar suas vivências de maneira singular e autoral.

No decorrer do desenvolvimento das mediações didáticas, foi solicitada a produção de desenhos que representassem a paisagem vista/percebida pelas crianças. Inicialmente, predominou a representação dos elementos naturais da paisagem, o que se modificou ao longo das mediações. Dessa forma, foi perceptível uma ampliação da compreensão da paisagem pelas crianças, o que é corroborado pelas produções dos desenhos em que representaram, também, elementos da paisagem construídos pelos seres humanos e presentes no seu cotidiano.

Desta maneira, as crianças foram capazes de, em suas produções, identificar os problemas vividos na comunidade, além de relacioná-los a outras situações observáveis em paisagens distintas, o que evidencia uma compreensão mais ampliada da paisagem, além de sugerir uma reflexão sobre a questão da vivência das crianças, e olhá-las a fim de compreender a forma como se relacionam com a paisagem.

Nesse sentido, foi possível perceber que, o desenho enquanto estratégia metodológica no ensino de Geografia com crianças dos anos iniciais, pode contribuir substancialmente para a construção de conhecimentos de maneira significativa. Ao considerar que os educandos devem ser vistos como sujeitos ativos na construção do seu próprio conhecimento e ao conceber as crianças como construtoras de seus próprios espaços, corrobora-se com a ideia de que o desenho constitui um importante aliado no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, nos anos iniciais, de modo a contribuir para que as crianças compreendam a realidade vivida.

Ainda sobre as produções de desenhos, estas revelaram-se como uma atividade prazerosa, posto que, as crianças apresentavam-se entusiasmadas no decorrer das produções, mas para além disso, revelaram aspectos da paisagem da comunidade que se encontram velados e representam pontos melindrosos a serem debatidos. Inicialmente, como era de se esperar e conforme demonstram os desenhos em outro momento do texto, as crianças produziram desenhos que representavam, predominantemente, os elementos naturais da paisagem, evidenciando uma concepção de paisagem, ainda, relacionada ao que é visto e ao belo.

No entanto, ao passo em que eram realizadas leituras de textos e discussões sobre a paisagem, as crianças foram introduzindo, mesmo que de maneira incipiente, outros elementos da paisagem, além dos naturais, chegando a abordarem problemas cotidianos da paisagem da comunidade e identificando-os, mediante a mediação da professora-pesquisadora, como

características da paisagem do seu local de vivência. Dentre os problemas da comunidade, apontados pelas crianças, foi recorrente a questão do lixo nas ruas, do calçamento e asfaltamento das vias públicas, além de um problema muito caro à comunidade que é a violência urbana que desponta como marca negativa da comunidade.

Conclui-se, portanto, que os desenhos constituem um importante meio para a mediação didática em que a paisagem seja concebida como fio condutor para a construção de conhecimentos geográficos de forma autônoma, pelas crianças, ao mesmo tempo em que se revela como importante instrumento no desenvolvimento de habilidades que levem à leitura da realidade e, portanto, à leitura do mundo da vida, além de instrumentalizar o educando para compreender o seu ser-e-estar no mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Adriana Olívia. QUEIROZ, Fabiana Rodrigues Oliveira. O potencial do uso do desenho e do conceito de paisagem para o ensino dos componentes físico-naturais com crianças dos anos iniciais de escolarização. **Para onde!?**, Porto Alegre, v. 12, n.2, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/97538>. Acesso em 12.11. 2021.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 3 ed.- Rio de Janeiro: LTC, 2022.
- LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia e Educação Infantil: Espaço e tempo desacostumados**. Porto Alegre: Mediação, 2018.
- LOPES, Jader Janer Moreira. **Terreno Baldio**. Um livro sobre balbuciar e crianças os espaços para desacostumar Geografias. Por uma Teoria sobre a Espacialização da Vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- MIRANDA, Sérgio Luiz. **o lugar do desenho e o desenho do lugar no ensino de Geografia: contribuição para uma Geografia escolar crítica**. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/104334>. Acesso em: 07.11.2021.
- QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://edubase.sbu.unicamp.br:8080/jspui/handle/EDBASE/790>. Acesso em: 21.10.2021.
- QVORTRUP, Jens. Visibilidades das crianças e da infância. **Linhas críticas**, Brasília, DF, n. 41. jan/abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4250>. Acesso em: 21.10.2021.